

CONSIDERAÇÕES SOBRE A AQUISIÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA POR SUJEITOS SURDOS

LUCIMAR BIZIO *

INTRODUÇÃO

Este trabalho tece considerações sobre as práticas pedagógicas, no ensino de língua portuguesa, voltadas às pessoas surdas. Para encaminhar a reflexão sobre o tema em questão foi necessário desnaturalizar termos que circulam livremente no campo dos estudos sobre a surdez. Entre eles, destaca-se o de língua materna, L1 e L2, uma vez que, na abordagem bilingüísta, entende-se a Língua de Sinais como L1, enquanto a escrita do português é considerada como segunda língua –L.2.

A escrita do surdo, neste estudo, sempre foi vista por uma perspectiva teórica que entendesse as dificuldades apresentadas por esses sujeitos, como efeitos possíveis do funcionamento da língua e não apenas como déficit. Para cumprir a meta proposta foi necessário empreender uma discussão sobre a aquisição da linguagem, sobre as concepções de escrita e também sobre a problemática relação do surdo com a escrita.

Foram abordadas as possibilidades de contribuição do diálogo com a Lingüística e também com a Psicanálise, com vistas a considerar a singularidade do surdo.

A discussão aqui encaminhada foi iluminada pelo Interacionismo Brasileiro, proposto por Cláudia Lemos, por outros autores filiados à sua proposta e pelos desdobramentos teóricos presentes nos trabalhos do grupo de pesquisa Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem, coordenado por Maria Francisca Lier-DeVitto, orientado por Lucia Arantes.

Pretendo empreender uma discussão no sentido de desnaturalizar alguns conceitos e preconceitos relativos à educação de surdos, para que possa contribuir para um novo caminho nos estudos relativos ao ensino de Língua Portuguesa para alunos surdos.

*Doutorando em Linguística Aplicada, PUCSP, Bolsista SEESP.

De acordo com Góes (1996), os trabalhos sobre escrita do surdo se caracterizam da seguinte maneira: vocabulário reduzido, ausência de artigos, preposições, concordância nominal e verbal, uso reduzido de diferentes tempos verbais, ausência de conectivos, além de uma colocação aparentemente aleatória de elementos na oração (coesão/coerência), uma escrita que, à primeira vista, poderia ser, ou melhor, em alguns casos é vista como “patológica”.

Note-se que este tipo de descrição é apenas uma taxonomia às avessas (ARANTES, 1994), em que a produção escrita dessa população é entendida a partir da noção de “déficit”. Essa visada em relação ao texto escrito não ultrapassa os limites de uma descrição negativa, que toma como padrão a norma culta do Português, e remete a explicação à condição de privação sensorial desses alunos.

Neste trabalho, pretende-se incluir outra possibilidade de entendimento das dificuldades encontradas na escrita de crianças surdas. Cabe assim perguntar:

- (1) A escrita do português, para estes sujeitos surdos, seria uma língua estrangeira, isto é, corresponderia à segunda língua – L2?
- (2) Como se dá a relação com esta modalidade de língua (escrita)?
- (3) Qual seria o papel do laço social estabelecido entre pais ouvintes e familiares até o contato com a língua de sinais – considerada L1? Ou mesmo da fala adquirida por treinamento?
- (4) Que lugar esses fatores ocupam na constituição desses sujeitos surdos?

É certo que esta comunicação não pretende responder a todas essas questões, mas não é possível marginalizá-las, pois elas apontam para a heterogeneidade radical do grupo de surdos que chegam à escola.

É necessário interrogar, inicialmente, quem é “o aluno surdo”. Não é possível considerar que se trata de um grupo homogêneo, uma classe estabelecida a partir de uma privação sensorial.

O ensino da Língua Portuguesa ao aluno surdo é perpassado por uma série de questões complexas e que merecem tratamento particular. Não é possível abordar todos os aspectos envolvidos nesta questão, mas acredito que seja possível escapar ao viés exclusivamente

ideológico, que tem marcado fortemente as pesquisas sobre a educação de surdos no Brasil. Pretendo empreender uma discussão de outra natureza: colocar em questão o que é L1 e L2, o que se considera como língua materna e, também, como esta questão se relaciona com a entrada do surdo no universo da escrita. Considero que esta direção põe em pauta a natureza da escrita, assim como sua relação com a língua de sinais e, também, com a fala.

Cabe destacar que as questões, aqui colocadas, nasceram durante a realização deste projeto e encontram no Interacionismo em Aquisição da Linguagem - proposto por Cláudia Lemos (1992, 2002, entre outros) e nos desdobramentos teóricos relativos às Patologias e a Clínica de Linguagem (Lier-DeVitto, 1998, 2000, 2006 e outros) - “solo fértil” para serem encaminhadas. Esses empreendimentos teóricos permitiram imprimir uma direção a esta pesquisa e desnaturalizar algumas idéias cristalizadas na área da Educação, especialmente, quando a surdez está em questão. Minha inclusão no Grupo de Pesquisa *Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem* (LAEL/PUCSP-CNPq) permitiu que eu interrogasse o bilingüismo, o modo como L1 e L2 são entendidas e formular questões que, conforme acredito, possam proporcionar novas possibilidades de entendimento da escrita e dos mistérios nela envolvidos. Abre-se com isso a possibilidade de apreender a arquitetura da escrita desses alunos, a partir de uma concepção de escrita em que as dificuldades apresentadas por essa população possam ser entendidas como efeitos possíveis do funcionamento da língua, quer dizer, como produções que não escapam às leis de referência interna da linguagem que regem todas as produções languageiras e não apenas como déficit.

A reflexão teórica que norteia o grupo de pesquisa ao qual pertenço e que direcionou os passos desta pesquisa dá reconhecimento à *ordem própria da língua*, ou seja, às leis de referência interna da linguagem (SAUSSURE, 1916) e à sua articulação na fala/escrita e, também, inclui aí os sinais (JAKOBSON, 1954, 1960; BENVENISTE, 1962, 1970). O pensamento desses autores e a leitura de suas obras, conforme aqui discutidas, são efeitos da interpretação de De Lemos (1992, 1997, 2002 e outros) afetada pela Psicanálise de Jacques Lacan e, como já disse, especialmente pela leitura realizada, na seqüência, no âmbito do Projeto Integrado (CNPq 522002/97-8), hoje Grupo de Pesquisa CNPq, “Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem”, coordenado por Maria Francisca Lier-DeVitto, no LAEL-PUCSP.

Considero importante assinalar, entretanto, que a questão da escrita envolve muito mais do que uma reflexão sobre as metodologias utilizadas e isso vale para surdos e ouvintes. A questão do surdo ganha, sem dúvida, um contorno singular, que merece uma reflexão particular sobre quem é o surdo, mas especialmente, sobre o que é a escrita e como é possível penetrar nesse universo.

A questão da aquisição de linguagem tem sido tratada de forma bastante equivocada em grande parte dos trabalhos sobre a surdez. O ponto é que menos do que tomar a aquisição de linguagem do surdo como um enigma, a aquisição quase sempre é alçada para justificar práticas pedagógicas ou clínicas. É necessário deslocar os estudos sobre aquisição do palco de discussões ideológicas e tomá-la como uma questão que merece atenção particular.

As hipóteses sobre aquisição de linguagem da criança surda estão sempre atreladas a hipóteses de natureza pedagógica, isto é, estão assentadas em processos de ensino/aprendizagem. A perda auditiva parece ser responsável pelo viés pedagógico dos estudos sobre a aquisição de linguagem de crianças surdas.

Isso significa dizer que não é a criança que se apropria da linguagem via percepção, mas, como aponta Claudia Lemos (1992, 2002, entre outros), ela é capturada numa estrutura de três pólos, a saber: o do sujeito, o da língua e o do Outro – entendido como instância do funcionamento da língua constituída e não como *socius* fora da linguagem.

Na perspectiva do Projeto Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem entende-se que a relação criança-linguagem é sempre enigmática e imprevisível, pois se trata da singularidade de uma posição frente à linguagem.

Dada a extensão do tema, elejo os mais significativos. Porém, os estudos sobre a aquisição de linguagem de crianças surdas estão relacionados às mesmas abordagens sobre a aquisição de linguagem em geral, a saber: a abordagem comportamentalista, a inatista e as interacionistas (ligadas à epistemologia genética, ou à perspectiva sócio-interacionista)¹.

Considero fundamental introduzir o trabalho de Pereira de Castro (2006) sobre língua materna. A autora, além de apresentar a polêmica em torno da questão do papel da GU na discussão a respeito da aquisição/aprendizagem da segunda língua, mostra também o quanto soluções apressadas podem fragilizar a própria proposta inatista.

Sobre a língua materna, Pereira de Castro esclarece que:

¹ Sobre isso ver Quadros (1997). No capítulo 3, a autora faz uma síntese das propostas sobre a aquisição de linguagem.

Note-se ainda que a língua materna seja definida por Lacan como uma “ocupação”, termo que é em parte fruto da leitura que o autor faz, com Freud, da obra de Saussure (1968), que exclui a possibilidade de se tomar a língua como função do sujeito falante, invertendo a relação sujeito do conhecimento-objeto ao propor que o falante “registra passivamente” a língua (Saussure, *op.cit.*, p.30), abrindo caminho para o reconhecimento do primeiro como efeito desta (PEREIRA DE CASTRO, *op. cit.*, p.142-143).

Muitos autores que explicam o processo de aquisição de linguagem pelo surdo propõem uma definição de língua materna como um objeto transparente e inequívoco. Para aqueles que consideram a língua de sinais como a língua materna desta comunidade basta que o surdo seja exposto a ela. Já para os que apostam na vertente oralista, cabe compensar o déficit perceptual e a exposição à fala nos dois casos a linguagem se desenvolverá naturalmente. Desconsidera-se, assim, que há outras articulações em jogo que ultrapassam o entendimento da língua materna como a primeira de uma série possível de línguas.

Bosco (2005), por sua vez, lembra que já em seu nascimento, o bebê está constituído de um corpo que permitirá o nascimento de um sujeito.

A língua de sinais, diz Cerqueira, é uma língua, um “sistema de signos”, “um sistema de valores puros” (SAUSSURE, 1916, p. 130), que implica o corpo, e que vai ter seu funcionamento determinado por ele.

Não pretendo discorrer mais profundamente aqui sobre as inúmeras vertentes metodológicas relacionadas à educação do surdo, nem criticá-las pontualmente², mas apenas destacar que elas todas, guardadas suas especificidades, têm um ponto em comum.

A escrita é sempre entendida como um objeto a ser aprendido/apreendido; seu papel é secundário em relação ao papel da fala e, também, ao papel dos sinais, aos quais cabe a ela representar. Em outras palavras, sustenta-se a hipótese de que a escrita é um sistema que está subordinado à fala ou à língua de sinais.

² Remeto o leitor aos trabalhos de Mota (1995) e Callil(1995). Ambos fazem uma leitura verticalizada das diferentes concepções relativas à aquisição da escrita.

Não advogo em favor da hipótese da autonomia da escrita em relação à fala ou ao gesto.

Acredito que as questões aqui colocadas não podem ser simplificadas e me parece fundamental que sejam enfrentados os obstáculos, que conforme observei, têm sido contornados, deixados à margem da discussão: qual(is) o(os) modo(s) de relação do surdo com a língua? É necessário escapar a dicotomias e pensar na singularidade de cada criança e no seu modo de presença na linguagem, para encontrarmos um caminho para conduzi-las ao universo da escrita, sem apagar os obstáculos relativos à marca que a surdez imprimiu em sua história. Só assim poderemos pensar não em métodos de ensino da escrita para surdos, ou em como introduzir um surdo sinalizador em uma segunda língua.

As interrogações que foram surgindo ao longo de minha reflexão sobre a relação entre surdez e aquisição de linguagem criaram a necessidade de uma reformulação teórica, conduzindo-me então às hipóteses do interacionismo em Aquisição de Linguagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão teórica que norteia o grupo de pesquisa ao qual pertenço e que direcionou os passos desta pesquisa dá reconhecimento, como já disse, à *ordem própria da língua*, ou seja, às leis de referência interna da linguagem (SAUSSURE, 1916) e à sua articulação na fala/escrita e, também, incluiria eu, aos sinais (JAKOBSON, 1954, 1960; BENVENISTE, 1962, 1970). O pensamento desses autores e a leitura de suas obras, conforme aqui discutidos, são efeitos da interpretação de De Lemos (1992, 1997, 2002, e outros) afetada pela psicanálise de Jacques Lacan e, como já disse, especialmente pela leitura realizada hoje pelo Grupo de Pesquisa ao qual estou integrado. Alinham-se a essa linha de pensamento e produziram desdobramentos igualmente importantes, como vimos no trabalho de Pereira de Castro, Bosco, Mota e Midena.

Na realidade, percebi que no campo da surdez, raros são os estudos que interrogam o que é uma língua, quais as relações entre sujeito e linguagem, quais os efeitos causados pela surdez na estruturação subjetiva dessas crianças e como se articulam fala/sinais/escrita para eles.

Reconheço que, muitas vezes, passei rapidamente por questões que demandavam tratamento verticalizado, mas me parecia necessário colocar em xeque tudo que assumi durante anos de modo irrefletido, questionando essas noções de modo crítico e reflexivo, movimento que caracteriza a linha de pesquisa a que estou filiado.

Não pretendi nesta comunicação discorrer mais profundamente sobre as inúmeras vertentes metodológicas relacionadas à educação do surdo, nem criticá-las pontualmente, mas apenas destacar que todas elas, guardadas suas especificidades, têm um ponto em comum, a saber: a idéia de que a escrita é representação da fala ou da língua de sinais. Desse modo a escrita é sempre entendida como um objeto a ser aprendido/apreendido; seu papel é secundário em relação ao papel da fala e, também, ao papel dos sinais, aos quais cabe a ela representar. Em outras palavras, sustenta-se a hipótese de que a escrita é um sistema que está subordinado à fala ou à língua de sinais³.

Não advogo em favor da hipótese da autonomia da escrita em relação à fala ou ao gesto. Reconheço a complexidade envolvida na relação fala/língua de sinais/ escrita, mas acompanho Guadagnoli (2007), quando afirma que: “Oralidade, escrita, gesto não são entidades autônomas e se o fossem, não poderiam ser relacionadas entre si: há um funcionamento em jogo – o da linguagem”(GUADAGNOLI, *op. cit.*, p. 56). Assim, na concepção aqui adotada que o que articula as diferentes modalidades de língua é o funcionamento da Língua, a *la langue* de Saussure (*op. cit.*, p. 94).

Em síntese, os trabalhos filiados à perspectiva interacionista em aquisição de linguagem, conforme definida por Claudia De Lemos, não tratam a escrita como representação. Uma concepção como esta poderia subverter o modo como se tem pensado a relação do surdo com a escrita.

Acredito que as questões aqui colocadas não podem ser simplificadas e me parece

³ Remeto o leitor aos trabalhos de Mota (1995) e Callil (1995). Ambos fazem uma leitura verticalizada das diferentes concepções relativas à aquisição da escrita.

fundamental que sejam enfrentados os obstáculos, que, conforme observei, têm sido contornados, deixados à margem da discussão: qual(is) o(os) modo(s) de relação do surdo com a Língua? Esta questão ultrapassa a discussão ideológica e a divergência entre propostas que têm dominado a literatura do campo. É necessário escapar a dicotomias e pensar na singularidade de cada criança e no seu modo de presença na linguagem, para encontrarmos um caminho para conduzi-las ao universo da escrita, sem apagar os obstáculos relativos à marca que a surdez imprimiu em sua história. Só assim poderemos pensar não em métodos de ensino da escrita para surdos, ou em como introduzir um surdo sinalizador em uma segunda língua.

. Resumidamente, não há como deixar de lado as indagações (que trazem a problemática da subjetividade), e pela natureza não menos especial da fala/sinais/escrita de sujeitos surdos, ou não, demandam atenção especial. Isso define a natureza da relação (com a Lingüística) e exclui a possibilidade de meras aplicações, como vimos na maior parte dos trabalhos discutidos. Sem isso, como poderá um educador abordar as questões suscitadas pela surdez? Como, enfim, poderá ele abordar a fala/escrita de seus alunos?

Um pesquisador que tome a Língua em qualquer que seja a dimensão escolhida (fala/escrita/sinais) não pode esquivar-se ao necessário encontro com a especificidade de seu objeto. Especificidade que requer compromisso com o fenômeno que o interroga.

Considero que estas questões devam ser enfrentadas, assumidas como proposições problemáticas no interior de nosso campo. Não se pode utilizar esses termos sem se deixar indagar pela vagueza e indeterminação que eles contêm.

É preciso ir além das descrições para contemplar os fenômenos lingüísticos, pois, de fato, acompanho uma vez mais Lier-DeVitto (2001), quando afirma que:

por meio de uma análise lingüística “*strictu sensu*” não é possível apreender uma fala peculiar, uma marca de singularidade[...] os instrumentais descritivos da Lingüística não podem captar o que a orelha/[olho] do falante de uma língua escuta/[vê], estranha e distingue. É preciso uma noção de língua-fala-falante que permita

produzir um dizer para um sujeito, que abra a possibilidade de articular o geral das leis de funcionamento da língua, ao particular da produção de um sujeito (LIER-DE VITTO, *op. cit.*, p. 248).

Nesse sentido, vale destacar que a importância do diálogo com a Psicanálise pode introduzir novas questões no campo dos estudos da linguagem e nos levar a interrogar, como assinala Claudia Lemos, sobre o que é ensinar e aprender, quando se considera que, nesse processo, está em jogo a transformação do sujeito pelo funcionamento simbólico que a Psicanálise prevê. Incluir as noções de sujeito, linguagem e representação como delineadas no interior da Psicanálise, a escrita deixa de ser entendida como puro conhecimento do qual a criança se apropria na construção de representações da fala⁴.

A questão da escrita do surdo abriga uma problemática extremamente complexa. Se, por um lado, não é possível mais considerá-la apenas sob a ótica do funcionamento da máquina (do corpo-orgânico), por outro devemos considerar que algo de peculiar faz presença na escrita, e mobiliza pesquisadores.

Não pretendi em momento algum oferecer respostas definitivas para questões tão complexas; tentei mostrar, por caminhos tortuosos, que tal complexidade não pode ser apagada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, L. **Diagnóstico e Clínica de Linguagem**. 182f.. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001.

_____. **O fonoaudiólogo, este aprendiz feiticeiro.**” In: Lier-De-Vitto, M.F. (org.) *Fonoaudiologia: no sentido da linguagem*. São Paulo: Cortez, 1997.

BOSCO, Z. R. **Notas sobre o nome próprio na aquisição da escrita**, Cadernos de Estudos Linguísticos, IEL, Campinas, SP, 2005.

⁴ Sobre isso ver Katz (2004).

DE LEMOS, C.T.G; PEREIRA CUNHA, M.C. **O gesto na interação mãe ouvinte – criança deficiente auditiva.** DELTA. Vol. 3 n.1, 1987 p. 01-18.

DE LEMOS, Cláudia T.G. **Uma crítica (radical) à noção de desenvolvimento na Aquisição da Linguagem.** UNICAMP, 2004.

_____ **Das Vicissitudes da fala da criança e de sua investigação.** Caderno de Estudos Lingüísticos, Campinas, UNICAMPI – IEL, v. 42, 2002.

_____ **A criança com(o) Ponto de interrogação.** In: Aquisição da linguagem: questões e análises. Letras de Hoje, Porto Alegre, EDIPUCRS, 1999

GUARINELLO, A. C. **O papel do outro na escrita de sujeitos surdos.** São Paulo: Plexus, 2007.

LIER-DeVITTO, M. F. **Novas contribuições da lingüística para a fonoaudiologia.** Revista de Distúrbios da Comunicação, v.7, n.2. São Paulo: EDUC, 1995.

_____ **Patologias da linguagem: sobre as “vicitudes de falas sintomáticas** In: In: Lier-De Vitto, M.F, e Arantes,L. Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem, EDUC/SP, 2006.

_____ **Déficit na linguagem, efeito na escuta do outro, ou ainda...?.** Letras de Hoje, v.36, n.3, porto Alegre, EDIPUCRS, 2001.

MIDENA, M.C. M. **O surdo e a escrita na clínica fonoaudiológica: um estudo de caso.** UNICAMP/SP – IEL. 2004.

NUNES, L.M. **A escrita em gesto: um caso de surdez**. Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP, 2004.

PEREIRA DE CASTRO, M.F. **Sobre o (im)possível esquecimento da língua materna**, In: Lier-De Vitto, M.F, e Arantes,L. Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem, EDUC/SP, 2006.

_____Língua materna: palavra e silêncio na aquisição de linguagem, In: Junqueira Filho, L. C.U (org.). Silêncios e luzes. Sobre a experiência do vazio e da forma. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1988.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral** (org.) Bally, C; Sechehaye, A. (tradução) Chelini, A; Paes, J; Blikstein, I. 30 ed. São Paulo: editor pensamento cultrix, 1989.